

## Paris: Um Olhar Estrangeiro e Caleidoscópico (Os muros de Paris)

Victor Meyer

Prezado Eduardo:

Você me pediu algo como um olhar panorâmico sobre esse meu período na Europa. Aí seguem algumas impressões.

Começo por Paris. Minha visão sobre essa cidade foi mudando como num giro de caleidoscópio, até estabilizar-se numa representação muito distante da inicial. Cheguei esperando encontrar (que ingenuidade!) imagens da histórica capital das revoluções, em coexistência com as imagens dominantes. Mas, em vão procurei pela memória da Revolução Francesa, da Comuna de Paris, da Resistência, das tradições libertárias, etc. Tudo isso parece estranho à cidade, são registros invisíveis a olho nu (estão restritos aos arquivos, e às bibliotecas). Aí estão, bem à vista, a arquitetura do século XIX e anteriores, as resplandecentes paisagens urbanas. Mas, tudo isso nos traz a memória da aristocracia. Vendo os museus, os monumentos, parece que foram os nobres os vencedores de 1789, a cidade é deles. Compartilhada, no máximo, com as elites subseqüentes. Essa persistência da memória aristocrática poderia ser explicada, supostamente, pelo caráter de longo prazo dos fatos históricos. Mas, isso seria muito estranho. Por que a *longue durée* alcançaria apenas os nobres? Por que a memória do povo estaria fora dessa suposta lei histórica, condenada ao rápido desaparecimento? Algumas pistas podem nos levar ao Estado, esse Ente que parece ter o dom de manipular a duração dos movimentos históricos, efetivando a *longue durée* ou anulando-a.

Da Comuna de Paris, nem sombra. Não: há alguma coisa. Conversando com um urbanista francês, de formação social-democrata, explicou-me que a última grande reforma urbana de Paris, no último quartel do século XIX, visava facilitar a ação das tropas contra eventuais revoltas a la 1871. Então pensei: aí está, indiretamente, no traçado das ruas, tão visível, tão ostensivo, o registro indireto da Comuna. Se não podemos ver a própria Comuna, vemos a anti-Comuna, ainda que essa última mantenha em discreto silêncio sobre as suas origens. E, assim sendo, entre palácios aristocráticos e ruas antimotins, a exagerada beleza de Paris também pode ser vista como um manto opressivo, longamente tecido, para esmagar a memória do povo.

E a Resistência ao nazismo, o que ficou dela? Aquela flama, por que não incidiu sobre ela as forças da *longue durée*?

Acresce que a cidade está literalmente cercada por muros. A Avenida Periférica, envolvendo a cidade, são escarpas de cimento e arames que mantêm ferreamente inalterados os limites da Cidade. No espaço intramuros, o preço do metro quadrado há muito alcançou a estratosfera. Você quer morar em 50 metros quadrados no "*arrondissement*" mais barato? Terá que pagar pelo menos mil dólares por mês. Deve-se supor que sucessivas hordas de quase-ricos, ricos e muito-ricos ocuparam Paris de forma absoluta, expulsando o povo para os espaços além-muros. O tempo deve ter lapidado pacientemente essa gente intramuros (eis um outro ângulo para se ver as tendências da *longue durée*), selecionando seu nível de renda, sua arrogância, sua

introversão individualista.

É nesse ambiente que nasce, cresce e se reproduz a intelectualidade parisiense. Para entendê-la nesses dias que correm, é bom acrescentar ao quadro acima uma circunstância especial: as várias décadas de segunda "*belle époque*", os assim chamados 30 anos gloriosos do pós-guerra. Na verdade, esses "30" são mais de 30: são mais ou menos 50, pois a rigor os anos "gloriosos" prosseguem sob Mitterrand e Chirac. Ora, isso é muito tempo. Uma eternidade de vida estável - estabilidade artificial, obviamente, mas, enfim, estabilidade. Esse conjunto de particularidades explica o perfil dominante das Ciências Humanas em Paris: os ciclos de modismos, a falta de criatividade associada à prática da mútua imitação (quantos intelectuais copistas!), tudo isso levando à descoberta de que o mundo teria entrado no pós-tudo. Nada a estranhar: tudo tem que ser "pós" nessa vitrine congelada, onde parece que todos selaram um acordo tácito para manter as coisas simplesmente como estão, sem melhorá-las nem piorá-las.

Bem, vamos relativizar. Há sempre o outro lado das coisas. Estou falando da Corte, perdão, de Paris, mas o "povo" está por perto a criar, de certos modos, contrapontos nem sempre captados pelos teóricos do pós-tudo. E aqui vou me referir à segunda grande surpresa que encontrei no meu caleidoscópio parisiense. Um escritor de nome algo bizarro, Vakaloulis (Michael Löwy me disse que se trata de um jovem), um dos intelectuais dissidentes que vivem dentro desse mundo, talvez não tenha exagerado ao lembrar Marx para dizer que a França de hoje volta a ser um palco emblemático das lutas de classes. As lutas sociais de 1987 e de 1995, que pouco ecoaram no Brasil, trazem importantes fatos novos: em 1987 emergiram as Coordenações. Alguns, como Toni Negri, parece-me que exageram ou que especulam demais ao dizer que se trata da forma organizatória própria ao período pós-fordista ou a forma enfim encontrada "de realização do comunismo". Esquematismos à parte, as Coordenações passaram por cima dos sindicatos burocratizados, essas heranças dos 30 ou 50 "anos gloriosos" e reafirmaram a vitalidade das ações de classe (Castoriadis escreveu um belo texto sobre isso). Em 1995, a experiência prosseguiu de forma mais ampla. Consta que Touraine abominou publicamente aquele movimento, pelo seu caráter "selvagem", por desrespeitar a ordem natural do pós-tudo. A grande novidade de 1995, além da reafirmação de formas de democracia direta, esboçadas em 1987, foi a confluência de uma vasta rede de gente assalariada, sugestivamente unificada sob a consigna de "*tous ensemble*", como se o mundo do trabalho houvesse superado suas fragmentações internas. Desempregados, aposentados, gente sem categoria definida, etc., compunham a ação coletiva. A Vakaloulis e a outros autores próximos não escapa, porém, um detalhe: o vasto movimento de 1995 tinha um "núcleo duro", os *cheminots* (ferroviários dos RER, TGVs, metro). Portanto, em 1995, o mundo de fantasia do pós-tudo foi percorrido por uma demonstração de solidariedade ativa entre trabalhadores contra o capital, numa manifestação exemplar de luta de classes. Enquanto isso, os mesmos anos 90 presenciam, principalmente a partir de 1994, a participação francesa na emergência de organizações operárias supranacionais, os Comitês de Empresa Europeus, ainda que num processo de evolução conflituosa e incerta. Esse conjunto de acontecimentos representa o outro lado do reluzente espelho parisiense; é o mundo que ronda Paris.

Prossigamos com o caleidoscópio. Coincidiu que eu cheguei em Paris no começo de março, há pouco mais de seis meses atrás. Logo iriam começar os bombardeios sobre a Iugoslávia. Por isso, pude ver a guerra do começo ao fim, num camarote de horrores. Terrível espetáculo. Meu camarote, bem entendido, era uma cadeirinha em

frente à TV onde os noticiários mostravam, diariamente, aquele terror sem limites, aquela catástrofe. Naquela época, o Le Monde publicou uma pesquisa concluindo que a maioria dos parisienses apoiava os bombardeios da OTAN, com a participação francesa. Então eu me lembrei de uma revista que li às vésperas desta minha viagem: uma retrospectiva dos Manifestos dos intelectuais franceses, essa (suposta) tradição de independência crítica que a citada Revista buscava simbolizar com o Eu Acuso de Zola. Quem sabe, portanto, viriam manifestos críticos, derrubando as versões dominantes sobre a Guerra. Não vieram. Sim, vieram, mas de círculos muito específicos: dos sindicatos, das bases estudantis (presenciei, na Universidade de Paris-8, a movimentação de lideranças estudantis contra a guerra), do antigo PCF e das organizações trotsquistas, tudo isso de impacto limitado a platéias já cativas. Mas, e os "grandes" intelectuais que ocupam o centro da mídia acadêmica e exportam novidades (requentadas)? Cadê os seus manifestos críticos? Nada. Prevaleceu, na mídia, a unilateralidade da versão oficial quanto à "guerra étnica", que deveria ser detida pela civilização.

Guerra étnica! A TV e os jornais assim faziam crer. A historinha era simples: sérvios e albaneses nutriam hostilidades atávicas (neutralizadas no pós-guerra, mas esse detalhe não perturbava a lógica interpretativa oficial) e, agora, os sérvios iam longe demais. Os grandes intelectuais, pelo seu silêncio, deviam estar concordando. Pouco se lhes importava se os bombardeios diários, envolvendo uma parafernália bélica impressionante, partiam de potências capitalistas que nenhuma relação tinham com as alegadas razões étnicas. Mas foram esses "pesos pesados" (França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Espanha, evidentemente liderados pelos Estados Unidos) que potencializaram o conflito étnico originário, que catalisaram seu desenvolvimento, que extrapolaram infinitamente suas possibilidades intrínsecas, que enfim fizeram acontecer a guerra. Esses países da OTAN pouco se ligavam nas razões étnicas de nacionalidades que eles nem conhecem nem fazem questão de conhecer – pois o que queriam era mesmo fixar uma determinada ordem mundial imperialista. Mas os grandes intelectuais, os tais da suposta tradição indomável de manifestos e coisas que tais (na verdade, os copistas), talvez houvessem antes se comprometido demais com o banimento do conceito de imperialismo, de modo que preferiam, quem sabe, melhor calar.

Devo concluir essas impressões ligeiras, mas não sem antes falar da xenofobia reinante.

Esse termo merece ressalvas. Não me pareceu que aquela gente parisiense esnobasse de forma xenófoba os americanos, tampouco os alemães nem assemelhados. A xenofobia mostra-se seletiva. Dirige-se contra a periferia do mundo capitalista, na qual tanto mamaram e ainda mamam (pessoal ingrato, não?). Também não me pareceu que partisse exclusivamente de algum segmento social específico. Sem querer teorizar, apenas testemunhando, vi manifestações dessa ordem partirem de todos os cantos, inclusive de dentro de ambientes intelectualizados. E também do Estado, não daquele que se vê oficialmente, mas do outro, que vai ajudando a chocar os ovos da serpente. Tive a suprema infelicidade pessoal (erro do tipo que só se comete uma vez na vida) de precisar freqüentar uma Sub-Delegacia de Polícia para solicitar a carta de "*Séjour*". Desci ao inferno. Não vou cair no mau gosto de contar todos os episódios que presenciei, seria um rosário. Apenas alguns flashes de um dia na fila (e foram muitos os dias, precisei de dois meses para conseguir a tal carta, assim mesmo em circunstâncias especialíssimas que poderei contar em outra oportunidade): pois, nesse dia que tomo como exemplo, vi uma mulher de algum país do Leste

Europeu, bem ao meu lado, na fila, ser tratada aos gritos por uma francesa com sinais de provável histeria (mas que seria, em todo caso, uma histeria consentida) que, do outro lado do guichê, recebia os humanóides que buscavam o "*Séjour*". Vi um senhor negro e de idioma africano, já de cabelos brancos, ser tratado de forma insultuosa e também aos gritos - e dessa vez quem gritava era um esbirro ainda mais insignificante da máquina estatal. Fora da Sub-Delegacia, que não se esperasse por um mundo idílico. Sair na rua é assim como participar de uma loteria viciada, onde você sempre tem uma grande chance de sofrer algum tipo de constrangimento – naturalmente se você deixa transparecer que vem da "periferia" do mundo. (Claro: se você entra na Cidade como turista e se mantém nos círculos respectivos, não verá nada disso.)

Marx viu em Paris dois fenômenos distintos que - sem querer com isso dizer que ele falou coisas válidas para sempre – são curiosamente atuais. Num momento, Marx viu em Paris, ou melhor, na França, o triunfo de uma farsa de grandes proporções, onde figuras insignificantes, mas opressivas pousavam com grande pompa, o reino da imitação e do embuste; em outro momento, Marx viu na França o lugar por excelência das lutas de classes. Tanto tempo depois, tantas mudanças no mundo e, no entanto, essa dualidade aparece novamente. De um lado, Paris é uma promessa de luta. Mas uma promessa de algo que poderá vir de fora dela, como no clarão de 1995 - pois no intramuros com certeza há algo de podre. Por trás dos falsos anúncios de "Cidade Luz", esconde-se essa outra realidade, quando então Paris aparece plenamente, sob a forma desse ninho de cobras preconceituosas.

Quem pode adivinhar o que resultará dessa situação?

(Salvador, setembro de 1999)

(Publicado no livro eletrônico "**Observar / Entender**", de Eduardo Navarro Stotz, disponibilizado no site <http://geocities.yahoo.com.br/lucinha65002/index>)